

190	1814						1710		2
-----	------	--	--	--	--	--	------	--	---

ÍNDIOS

Governo procura novo presidente para a Funai

O gaúcho Júlio Gaiger pediu ontem demissão do cargo

MIRIAN GUARACIABA

Sucursal/Brasília

CACALOS GARRASTAZU, BANCO DE DADOS/ZH - 21/4/97

Em 40 linhas de ataques ao governo e de mágoa, o advogado e indigenista Júlio Gaiger entregou ontem ao ministro da Justiça, Íris Rezende, sua carta de demissão do cargo de presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai). Gaúcho de Porto Alegre, Gaiger volta à função de assessor legislativo da Câmara. Em seu lugar, por enquanto, fica Rosângela Gonçalves de Carvalho, chefe de gabinete da Funai. Para a maioria dos índios – exceto os Xavante –, a saída de Gaiger e a nomeação de Rosângela são castigos em dose dupla: muitos índios gostavam de Gaiger e nenhum admite uma mulher em cargo de chefia.

Na carta distribuída à imprensa, Gaiger acusa o governo Fernando Henrique de não ter determinação para a execução de uma política indigenista aceitável. Diz que quando foi iniciado o processo de mudança, na sua gestão, houve rejeições de toda a ordem. Ele ainda afirma que o governo não lhe deu apoio.

Gaiger refere-se aos Xavante, que há meses se instalaram no prédio da Funai em Brasília pedindo a sua saída. Com 6 mil índios no país, os Xavante estão entre os maiores grupos indígenas. “Nunca tive problemas com os Guarani (30 mil), Caiowá (25 mil), Caingangue (20 mil) ou Tikuna (23 mil)”, diz Gaiger.

Pelo menos nesse ponto, o ex-presidente da Funai tem razão.



Queixa: Gaiger (E) disse que não teve apoio necessário do governo

Uma das piores qualidades dos brancos – o fisiologismo – atacou parte dos índios Xavante. Por causa de cargos e diárias pagas pela fundação, representantes da tribo pressionavam o governo, pedindo a saída de Gaiger. Temem que na redução anunciada no quadro de 1.070 funcionários da Funai sejam cortados os 110 ocupados por Xavantes.

Além disso, na gestão de Gaiger foram reduzidas as diárias pagas a índios que estão em Brasília. Segundo a assessoria do presidente que saiu, a Funai chegou a gastar R\$ 200 mil num mês com alimentação e pensão para índios – a maioria Xavante. Hoje, são gastos R\$ 80 mil – a maior parte para os 50 índios da tribo que está em Brasília desde

abril. Os índios desmentem o temor de perder cargos e dizem que Gaiger não dá a atenção exigida pelas comunidades.

Desde que assumiu, há dois meses, Rezende estava decidido a substituir Gaiger. Convidou para o cargo o amigo e ambientalista Washington Novaes, que recusou. Disse ao ministro que não entende de índios. Novaes deu a entender que o cargo é uma fria e indicou o experimentado sertanista Sidney Possuelo, que presidiu a fundação no governo Collor. Possuelo esbarrou na má vontade dos militares, com quem a Funai tem projetos conjuntos na Amazônia. Ontem, depois de esperar mais de uma hora pelo ministro, Gaiger colocou seu cargo à disposição. Rezende aceitou na hora.

								1710	2
--	--	--	--	--	--	--	--	------	---

ONGs comemoram saída de Gaiger

A presidência da Funai é um cargo espinhoso. Pouco dinheiro – R\$ 70 milhões, em 1997 – e muitos problemas. Os 200 mil índios brasileiros são tutelados pelo governo e não respondem por seus atos. Seus interesses se confundem com o ouro da Amazônia ou com as riquezas do Pantanal. Aí que a confusão aumenta. Organizações internacionais defendem as terras dos índios mas, na maioria, não exatamente pelos índios. Quase sempre, como ocorre com os Ianomâmi, na Amazônia, há áreas dos índios com reservas milionárias de minerais.

Gaiger somou as dificuldades do cargo à arrogância. Cansou de dizer que perdia dinheiro no

cargo. O salário de R\$ 5 mil que recebia é bem menor que o de assessor legislativo. Ontem mesmo, Gaiger apresentou-se no antigo emprego. O ex-presidente foi levado para a Funai pelo então ministro da Justiça, Nélson Jobim. Com Jobim, defendeu com unhas e dentes o polêmico decreto que determina a revisão de projetos de demarcação de áreas indígenas. O decreto teve repercussão internacional e Gaiger foi bombardeado por ONGs. O governo não resistiu às pressões e o decreto foi completamente reduzido a pó. As ONGs comemoraram a saída de Gaiger, 21º presidente da Funai em 30 anos de existência.